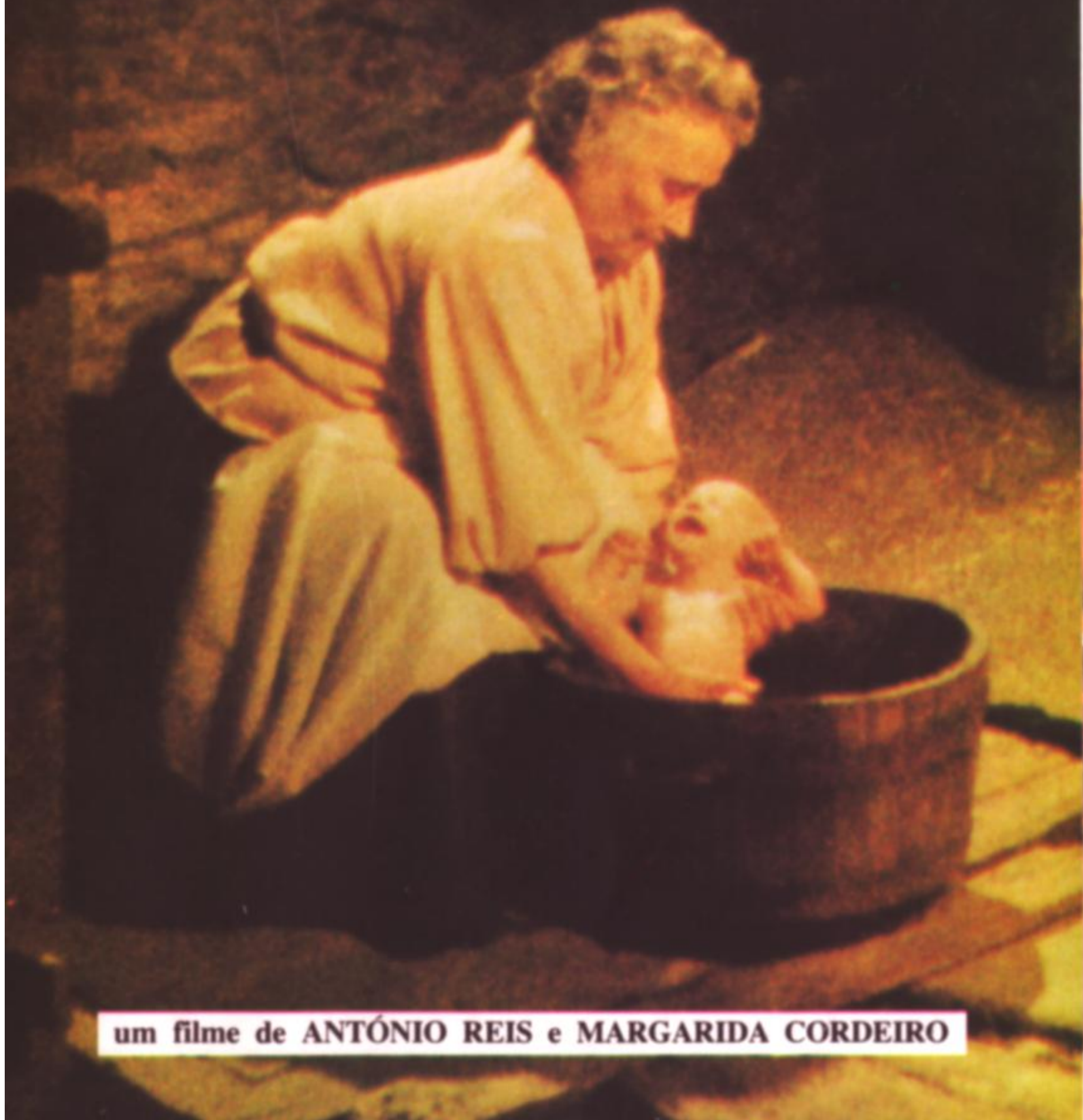


Document Citation

Title	Ana
Author(s)	Margarida Cordeiro António Reis Jão Lopes
Source	<i>Publisher name not available</i>
Date	
Type	press kit
Language	English Portuguese
Pagination	
No. of Pages	5
Subjects	Cordeiro, Margarida (1938), Trás-os-Montes Reis, António (1927), Valadares/Porto, Portugal
Film Subjects	Ana, Reis, António, 1983

Ana



um filme de ANTÓNIO REIS e MARGARIDA CORDEIRO



SINOPSE

Naqueles dias...
A lenda do leite na casa sombria.
Tempo interior.
Quase silêncio.
Luz. A natureza como imemorial casa
exterior.
Inverno.
O sangue recolhido nas duas mãos,
mãe Ana.

As emoções da infância que nascem de novo, sob outras formas, com outros rostos, outras.
O trabalho intenso para que as transmutações surjam e permaneçam na obra inteira e já independente de nós.

SYNOPSIS

On those days...
The legend of the milk in the gloomy house.
Inner time.
Silence almost.
Light. Nature as a primeval outer house.
Winter.
That blood caught in your hands, Ana.

Emotions from childhood that are re-born, with different shapes, with different faces, different.
The intensive work for the transmutations to appear and remain in the complete work, no longer dependent on us.

António Reis e Margarida Cordeiro



WARNING: This material may be protected by copyright law (Title 17 U.S. Code)

Ana



ANTÓNIO REIS n. Porto 1925
MARGARIDA CORDEIRO
n. Trás-os-Montes 1938

**FILMOGRAFIA
FILMOGRAPHY**

JAIME (1972)
TRÁS-OS-MONTES (1976)
ANA (1982)

Ana

Argumento, Realização, Montagem /
Script, Direction, Editing

ANTÓNIO REIS e MARGARIDA CORDEIRO

Textos / Texts

RAINER M. RILKE, A. REIS, E M. CORDEIRO

Interpretação /
Cast

ANA MARIA MARTINS GUERRA, OCTÁVIO LIXA FILGUEIRAS,
MANUEL RAMALHO EANES, AURORA AFONSO E MARIANA MARGARIDO

Fotografia / Photography

ACÁCIO DE ALMEIDA e ELSO ROQUE

Som / Sound

CARLOS PINTO, JOAQUIM PINTO e PEDRO CALDAS

Misturas / Sound Mixer

ANTOINE BONFANTI

Laboratórios de imagem /
Processing and printing by

TOBIS PORTUGUESA, SARL
ECLAIR - PARIS

Laboratórios de som /
Sound Transfers by

NACIONAL FILMES
BILLANCOURT - PARIS

Produção / Production

ANTÓNIO REIS e MARGARIDA CORDEIRO

Produtor associado /
Associated Producer

PAULO BRANCO

Processo / Process

16mm / cor - 115m

FILME SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA E PELA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN 1982

DISTRIBUIÇÃO E VENDAS / FOREIGN SALES REPRESENTATIVES

António Reis e Margarida Cordeiro - R. Escola Politécnica, 1200 Lisboa

e HORS CHAMP DIFFUSION - 18 Rue Faubourg du Temple 75011 Paris - T. 7008543

SABER DE "ANA"

A singeleza do título do filme de António Reis e Margarida Cordeiro pode ajudar a perceber, por um deses paradoxos em que "TRÁS-OS-MONTES" já era fértil, o infinito (de desejo) que nele se joga: "ANA", ou a simetria do nome, quer dizer, o eterno regresso do nome a si próprio, fendido por uma superfície imaginária — espelho e água — que o produz ou que, pelo menos, nele se instala para produzir sentido(s).

Nomear, eis a questão. Sabemos que muito do que em cinema se diz em termos de modernidade passa pelo questionamento incontornável da palavra como efeito de nomeação e sua inserção na cadeia de materiais de que cada filme se tece. O trajecto exemplar de António Reis e Margarida Cordeiro é, evidentemente, cúmplice de tal questionamento, **mas apenas se o entendermos como interior a tudo o que é ou pode ser material de filme.**

Neste sentido, o seu cinema poderá ser definido, antes do mais, como uma corrente tenaz de interrogação do efeito de nomeação, **onde quer que ele se manifeste.** Ana, justamente: simetria de origem, mãe e terra, utopia e horizonte, memória e futuro. Cada simetria gera as condições da sua própria dissolução selvagem, como se cada

ser, cada objecto — cada coisa nomeada — só realizasse o seu destino (de significação) numa perdição irreversível (de que o cinema seria, precisamente, o registo ambíguo).

São coisas enigmáticas, é bem certo, mas, ao mesmo tempo, "ANA" consegue devolvê-las com a transparência estranha (inomeável, sem dúvida) do que **sempre lá esteve.** Guardemo-nos, porém, da facilidade de querer ver no filme um simples requiem, mais ou menos ecológico, pregando o regresso à natureza. O cinema de António Reis e Margarida Cordeiro chegou a um ponto vital (e, seguramente, único não só no cinema em Portugal mas também a nível internacional) em que categorias como "natureza" e "civilização", "rural" e "urbano" estão condenadas a perder a sua pertinência estética. Resta apenas o **saber**, esse excesso que nem sempre escreve a história dos homens. Este cinema **sabe**, quer dizer, "ANA" é um filme que conquistou integralmente, pelos seus próprios meios, o tempo e o espaço em que nos convoca.

JOÃO LOPES

Crítico de cinema dos jornais "Diário de Notícias" e "Expresso"; pertence ao Sector de Programação da Cinemateca Portuguesa.

KNOWING OF "ANA"

The sheer simplicity of the title of António Reis and Margarida Cordeiro's film can help us understand, through one of those paradoxes "TRÁS-OS-MONTES" was already so rich in, the infinite (of desire) that is at work: "ANA", or the symmetry of the name, that is, the continual return of the name to itself, split up by an imaginary surface — mirror and water — which creates it or that, at least installs itself in it to produce some sense(s).

To name, that is the question. We know that quite a lot of what is said in the language of cinema, in terms of modernity, involves the inevitable questioning of the word as an effect of its name-giving and its insertion in the network of materials every film is made of. The exemplary path followed by António Reis and Margarida Cordeiro is closely related to with such a questioning, **but that only if we understand it as being interior to whatever is or can be film material.**

In this sense, their cinema can be defined, to begin with, as a tenacious current of interrogation of the name-giving effect, **wherever it manifests itself.** Ana, precisely: symmetry of the origin, mother and earth, utopia and horizon, memory and future. Each symmetry generates the conditions of its own wild dissolution, as if each being,

each object — each named thing — could only fulfil its destiny (of signification) in an irreversible loss (of which the cinema would just be ambiguous record).

These are enigmatic things, that is quite true, but, at the same time, "ANA" can successfully give them back with the strange transparence (un-nameable, certainly) of what has **always been there.**

Let us guard ourselves, however, against the facility of looking at the film as if it were a simple, more or less ecological requiem, advocating the return to nature. The cinema of António Reis and Margarida Cordeiro has reached a crucial point (which is certainly unique not only in the cinema in Portugal but also on an international level) in which categories like "nature", "civilization", "rural" and "urban" are condemned to lose their aesthetic relevance. Only the **knowledge** remains, that excess that not always writes the history of men. This cinema **knows**, that is, "ANA", is a film that has entirely conquered, by its own means, the time and space it calls on us.

JOÃO LOPES

Crítico de cinema in "Diário de Notícias" and "Expresso"; belongs to the programming department of "Cinemateca Portuguesa".

